

Reflexões teórico-epistemológicas sobre o forró eletrônico¹

Um estudo de caso

Demóstenes Dantas Vieira | Luan Talles de Araújo Brito²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte | Brasil

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão sobre a relação indivíduo, Forró Eletrônico e formação de subjetividades. Para tanto, ele está dividido em duas partes. A primeira congrega uma reflexão teórico-epistemológica sobre o tratamento dado academicamente ao Forró Eletrônico como objeto de pesquisa. A partir da análise de 12 (doze) trabalhos científicos, entre teses e dissertações, propomos desenvolver uma reflexão sobre o papel do indivíduo na relação com o forró e o papel de ambos nos processos de subjetivação. A segunda parte, por sua vez, compreende a análise dos dados de um Estudo de Caso, desenvolvido na cidade de Mossoró/RN, através do qual propomos discutir como e se o Forró Eletrônico interfere nos processos de constituição do sujeito. Por conseguinte, propomos refletir sobre o determinismo científico que predomina nos trabalhos acadêmicos sobre o Forró Eletrônico, detendo-se muitas vezes a analisar a chamada “degradação poético-musical” e um suposto determinismo da Indústria Cultural sobre o sujeito.

¹ *Theoretical and epistemological reflections on the Electronic Forró: a Case Study*. Submetido em: 10/03/2015. Aprovado em: 15/06/2015.

² Demóstenes Dantas Vieira é Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e aluno regular do Mestrado Profissional em Letras pela mesma instituição. Professor permanente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN e exerce a função de professor/tutor na Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA, onde ministra as disciplinas de Análise e Expressão Textual e Didática Geral nos cursos de Licenciatura. Tem desenvolvido pesquisas sobre sociologia da arte, educação, música e identidade. E-mail: literaturaevinda@yahoo.com.br.

Luan Talles de Araújo Brito é Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e aluno do Programa de Pós-graduação (latu sensu) em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Desenvolve pesquisas sobre educação, creanças e ensino. E-mail: luantalles_tdb@hotmail.com

Palavras-chave: Forró Eletrônico, indivíduo, formação de subjetividades.

Abstract: This paper proposes a discussion of the relationship between the individual, the Electronic Forró (typically Brazilian musical genre) and training of subjectivities. For this, it's divided into two parts. The first brings together a reflection epistemological theoretical about treatment of academically By Electronic Forró as search object. From the analysis of twelve (12) scientific papers, among theses and dissertations, we propose to develop a reflection on the individual's role in relations with the dance and the role of both in subjectivity process. The second part, in turn, compreende the hum of data analysis Case Study, developed in the city of Mossoró/RN, through the qua propose to discuss how and if the Electronic Forró therefore in constitution process of the subject. Consequently, we aimed at reflecting about scientific determinism que prevails in studies academic about Electronic Forró, pausing many times to analyze a call "poetic-musical degradation" and hum alleged determinism of Cultural Industry about the subject.

Keywords: Electronic Forró, interdisciplinary, individual, subjectivity.

O trabalho aqui apresentado propõe realizar algumas reflexões sobre a construção do conhecimento científico cujo objeto de estudo seja a música popular urbana, mais especificamente, o Forró Eletrônico. Propomos fazer algumas considerações sobre as produções acadêmicas já desenvolvidas, numa tentativa de compreender elementos que podem "desvendar processos pouco conhecidos e raramente levantados" pela musicologia, pela Análise do Discurso ou mesmo pela Sociologia e a Antropologia (MORAES, 2010). Suscitamos, assim, a necessidade de se pensar uma ruptura epistêmica sobre o Forró Elétrico³ nas suas relações com o indivíduo. Para tanto, adotamos como proposta teórico-metodológica um Estudo de Caso na cidade de Mossoró/RN. Propomos uma breve entrevista com um grupo de jovens forrozeiros⁴ entre 18 e 25 anos de idade. Os componentes são um recorte de um grupo de amigos/fãs que se reúnem em torno das redes de sociabilidade construídas a partir do Forró Eletrônico.

Com relação à metodologia, ressaltamos a pesquisa bibliográfica e o Estudo de Caso, a entrevista

³ Dá-se o nome de Forró Elétrico à aproximação realizada entre o Forró Eletrônico e a tradição do "trio elétrico", elemento ligado às festividades de *Carnaval* e *Carnaval Fora de Época*, como o Carnatal (em Natal), Precaju (em Aracaju), Forta (em Fortaleza), dentre outros. Nessa época, o ritmo do Forró Eletrônico torna-se ainda mais animado, numa tentativa de aproximação do Axé, gênero ligado ao carnaval baiano e à popularização dos "trios elétricos" (TROTTA, 2009). Aqui, utilizamo-nos da expressão Forró Elétrico como sinônimo de Forró Eletrônico, tendo em vista que as diferenças são muito sutis e pelo fato de que entendemos o Forró Elétrico como uma adaptação do Forró Eletrônico ao contexto do Carnaval.

⁴ Por forrozeiro entenda-se pessoa assídua nas apresentações do Forró Eletrônico, "consumidores" de seus produtos e/ou fãs.

como instrumento para coleta de dados e a interdisciplinaridade como vertente teórico-metodológica, através da qual se propõe o diálogo entre os estudos acadêmicos já desenvolvidos sobre o Forró Eletrônico, a Sociologia Bourdieusiana, a Antropologia e a Análise do Discurso. O seu desenvolvimento dar-se-á em duas etapas. A primeira congrega uma breve análise de 12 (doze) trabalhos acadêmicos advindos da Antropologia, Sociologia, Comunicação social, Musicologia e Linguística. A segunda, por seu turno, congrega a análise das materialidades textuais coletadas através das entrevistas.

A relevância deste trabalho no meio científico se dá no tocante que se propõe uma reflexão sobre o que podemos chamar de insurreição do indivíduo, pensar o seu papel na constituição de identidades ao mesmo tempo em que se propõe refletir sobre a sua relação com o Forró Elétrico e como essa relação se constitui dentro do processo de formação de subjetividades.

1. O FORRÓ ELETRÔNICO E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Como citado anteriormente, este trabalho propõe pensar as contribuições da interdisciplinaridade para a compreensão do forró como objeto científico, de modo que se possa discutir o papel do indivíduo na construção de formas simbólicas. Trata-se de perceber o indivíduo, aqui, envolvido nas relações com o Forró Elétrico, não como “epifenômeno da estrutura”, mas como agente dos processos de estruturação e significação social.

Segundo Eco (2010), quem se propõe a realizar uma pesquisa deve ter em mente que a mesma constitui-se de um trabalho de investigação original ou que apresente uma releitura e/ou contribuição nova ao tema já analisado. Para tanto, o autor enfatiza a necessidade de se saber aquilo que já foi dito sobre o assunto. É pensando nessa questão que realizamos uma pesquisa no banco de dados da CAPES, de modo que pudéssemos relacionar a produção científica já desenvolvida com a proposta deste trabalho.

Para alcançar tal objetivo, a pesquisa, no banco de dados da CAPES, foi realizada no dia 10 de junho de 2013, por meio da qual fizemos o levantamento de 12 trabalhos acadêmicos acerca do forró (entre dissertações e teses de doutoramento). Vale ressaltar que os trabalhos compreendem um recorte temporal de 1987 aos dias atuais. Como recurso didático-metodológico, classificamos os trabalhos em três grupos, a saber:

- ✓ Forró, nordestinidade e migração: Souza (2001), e Rigamonte (1997);
- ✓ O forró e a indústria cultural: Campos (2006), Oliveira Lima (2005), Cordeiro (2002), Madeira (2002), Ceva (2001) e Silva (2000), Costa (2012);

✓ Forró, discurso e ensino: Cunha (2011), Santos (2001), Rodrigues (2010).

Eco (2010) compreende que a pesquisa bibliográfica perpassa o trabalho científico e que essa pesquisa inicial sobre o tema é bastante relevante para suscitar o entendimento do objeto e as contribuições do nosso trabalho a pesquisas já desenvolvidas sobre o assunto. Pensando nessa questão, faremos, a seguir, algumas considerações sobre os trabalhos supracitados.

Os trabalhos de Souza (2001) e Rigamonte (1997), pautados respectivamente na teoria da comunicação e na etnografia, possuem algo em comum, a migração dos nordestinos para São Paulo e a relação entre o forró e as práticas de sociabilidade, o (re)conhecimento dos imigrantes com a tradição e a cultura de sua terra natal.

Os trabalhos do segundo grupo baseiam-se em uma reflexão sobre a Indústria Cultural. Campos (2006) faz um percurso histórico do forró e identifica relações do mesmo com as bandas de pífano e choro. A partir dessas comparações o autor suscita um questionamento sobre a divisão tradicional da musicologia (música erudita, folclórica e música popular), classificação pautada na Indústria Cultural.

Silva (2000) também faz um percurso histórico do forró e analisa o surgimento de um campo de mercado específico na cidade de São Paulo. Ele aborda o forró como gênero em evolução e analisa a relação Indústria Cultural e identidade sociocultural. Ceva (2001), por sua vez, faz uma análise antropológica do forró universitário carioca, objetivando compreender as interações e a visão de mundo associados a domínios socioespaciais.

Dos estudos mencionados anteriormente, somente os trabalhos de Oliveira Lima (2005), Cordeiro (2002), Madeira (2002) e Costa (2012) tratam exclusivamente do Forró Eletrônico.

Cordeiro (2002) analisou as transformações do Forró Eletrônico na década de 1990, levando em consideração uma comparação com o forró tradicional. Oliveira Lima (2005) investigou a relação entre a atuação da Rede Somzoom Sat (produtora nordestina) com a consolidação do Forró Eletrônico. Já a pesquisa de Costa (2012) baseia-se na análise da indústria do Forró Elétrico no Rio Grande do Norte, pensando as estratégias de venda relacionadas ao próprio conteúdo.

O último trabalho do segundo grupo é o estudo de Madeira (2002) que propôs uma comparação entre as características do forró tradicional e do Forró Eletrônico. O mesmo objetivou compreender os processos de “transculturização” e “desterritorialização”, que proporcionaram a formação do forró como ele é hoje, conhecido não só no Nordeste do Brasil.

Os três últimos trabalhos (referentes ao terceiro grupo) adotaram como metodologia a Análise do Discurso e uma análise que perpassa a figura feminina e masculina representada pelo forró.

Na tese de doutorado de Cunha (2011) encontramos uma abordagem voltada para o ensino, na qual se questiona os ensinamentos do Forró Elétrico. O autor adota o pressuposto de educação informal e também formal, tendo em vista que é comum, principalmente no Nordeste, a escuta do

fórró na escola, nos intervalos, em festividades e na própria cultura da população que ali participa do processo de ensino-aprendizagem. Nessa pesquisa, propõe-se a reflexão do Forró Elétrico a partir do currículo oculto, atribuindo-lhe o machismo, a vulgarização da figura feminina etc. Desse modo, o autor questiona a influência do Forró Eletrônico nos processos de subjetivação.

Por fim, Santos (2001) e Rodrigues (2010) analisaram a representação da figura feminina no fórró elétrico através da Análise do Discurso. Rodrigues (2010), por seu turno, delineia ainda mais o seu método adotando a Análise do Discurso pautada na Gramática sistêmico-funcional.

2. RUPTURA DO SENSO COMUM E PROBLEMATIZAÇÃO

Como afirma Eco (2010), a pesquisa inicial sobre o tema a ser abordado em um trabalho científico é muito importante, visto que através dela se propõe sair um pouco do senso comum para tentar observar o objeto com olhar mais científico, ou mesmo se pensar aquilo que academicamente se torna clichês, verdades construídas, partilhadas e reproduzidas, sendo, portanto, necessário um olhar sobre o saber científico já produzido.

Partindo de uma visão mais detalhista deve-se, portanto, pensá-lo e, conseqüentemente, elaborar o problema de pesquisa que direcionará o trabalho empírico. Bastos (2009) afirma que o trabalho científico perpassa a escolha de um tema e sua delimitação, a ruptura do senso comum e a problematização de uma série de procedimentos que visam à elaboração preliminar da pesquisa, partindo dos questionamentos sobre o assunto e consulta bibliográfica inicial. Essas estratégias proporcionarão um olhar mais aguçado sobre o tema e, por conseguinte, possibilitarão a sua problematização. Tendo essa premissa como fundamental, propomos pensar uma ruptura sobre os estudos já realizados sobre o nosso tema/objeto, o Forró Elétrico.

É certo que muitas e diversas pesquisas têm sido realizadas sobre o fórró, seja sobre o estilo, o conteúdo etc. A partir da análise realizada, o Forró Eletrônico pode ser compreendido como forma de socialização, identificação e reconhecimento de grupos sociais, estando o fórró associado à identidade/nordestinidade e ao reconhecimento de si mesmo como tal. Em outro aspecto, alguns trabalhos têm pensado o fórró como forma de “regulação” de subjetividades que compreende sua relação na construção de identidades machistas, preconceituosas etc., tendo em vista a influência da Indústria Cultural na formação e vida cotidiana.

Em contraponto, aparece uma visão descontínua que suscita a relação entre indústria e identidades socioculturais, o papel do indivíduo nesse processo e questionamentos sobre a noção de que o indivíduo é determinado pelo social (como em Durkheim e Marx), e que sua identidade é

determinada pelas instituições, pela Indústria Cultural, pela cultura e por formas de mediação simbólica, no caso o forró. Vale se pensar que a identidade é fruto das relações, de uma predisposição social mutável e transponível (BOURDIEU, 1990) e que a “identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2005, p. 21), pode ser transformada através dos processos de “configuração” estabelecidos pelo indivíduo (ELIAS, 1994).

É, portanto, de fundamental importância que o processo de formação de subjetividades seja compreendido a partir da ação do indivíduo, tendo em vista que não se pode mais concebê-lo (o indivíduo) apenas como epifenômeno da estrutura, como fruto do social. É necessário que os trabalhos científicos permitam direcionar “a atenção para o funcionamento detalhado das instituições culturais” (THOMPSON, 2005, p. 35), e não apenas ficar à margem de uma sociologia do indivíduo e/ou do sujeito. É necessário entendê-lo na dinâmica de suas relações para que se possa compreender como as teias de significados são constituídas a partir do Forró Eletrônico e das relações que o indivíduo estabelece com o mesmo.

Dentre os trabalhos supracitados, gostaríamos de retomar aqueles que nos oferecem certo respaldo para pensarmos essa questão. Primeiramente, vale fazer referência ao trabalho de Costa (2012), que analisa a indústria do Forró Eletrônico no Rio Grande do Norte, no qual se fala sucintamente dos processos de inter-relação do indivíduo com as produções da Indústria Cultural. O autor propõe a análise das estratégias mercadológicas dessa indústria, cujo objetivo é produzir aquilo que interessa aos indivíduos, conteúdo e ritmo associados àquilo que ele deseja ouvir. Isso pode ser pensado a partir dos processos de interação, que o individual é influenciado pelo social, ao mesmo tempo que o influencia e transforma-o.

Endossando essa perspectiva, Silva (2000) ressalta outro aspecto bastante relevante. Ao analisar a formação do mercado específico do forró em São Paulo, a autora ressalta a relação entre tal forma de produção, práticas culturais e, por conseguinte, identidade sociocultural. Mesmo que de forma sucinta, a autora nos propõe uma interpretação pautada nas relações entre indústria e indivíduo, entre produção e práticas culturais.

Outro aspecto bastante relevante é se pensar o papel do indivíduo nas práticas cotidianas mediadas pelo Forró Eletrônico, assim como sua “intervenção” nos processos de subjetivação. Segundo Cunha (2011, p. 29), “ao mesmo tempo em que os trabalhos falam do que tem sido feito com o forró em termos de diferentes formas de sua apropriação, deixam uma grande lacuna acerca de como o forró tem vínculos com processos de subjetivação”. Apesar desses processos, propomos, aqui, uma ruptura epistemológica que consiste na premissa de que é necessário pensar esse indivíduo e questionar a sua relação com o Forró Elétrico, levando em consideração o papel de ambos (indivíduo e forró) no que chamamos de processos de subjetivação.

3. OS ESTUDOS SOBRE A MÚSICA POPULAR

Segundo Napolitano (2005), as fontes audiovisuais e musicais têm ganhado espaço dentro da academia e têm sido compreendidas como um desafio e, metodologicamente, como fontes primárias relativamente novas. Segundo ele, a área de Letras (isso é perceptível, principalmente, com o desenvolvimento da Análise do Discurso) e as Ciências Sociais já haviam descoberto a canção muito antes de outras ciências como a história, a geografia etc. Segundo Moraes (2010), desde a década de quarenta busca-se a construção de um espaço para a música na academia.

No Brasil, é apenas na década de setenta⁵ que alguns estudos começam a receber destaque no meio científico, principalmente no que compete à análise da música popular. Conforme Moraes (2010), diversos desses trabalhos adotaram perspectivas bastante estereotipadas, o que requer uma releitura da cultura popular e da música popular urbana tão criticadas pelos teóricos da Indústria Cultural. Nos anos 60, em *A História Social do Jazz*, Hobsbawn (1990) afirma sê-lo o ritmo mais forte do século XX, entretanto, foi bastante criticado pelos estudiosos eruditos. Segundo ele, “a segunda metade do século XIX foi, em todo o mundo, um período revolucionário nas artes populares, embora este fato tenha passado despercebido daqueles observadores eruditos mais esnobes e ortodoxos” (HOBSBAWM, 1990, p. 59). Essa revolução sugere a necessidade de sua investigação.

Os estereótipos formulados pela academia também influenciaram a produção brasileira. Já na década de 30, Mário de Andrade (1928, p. 167-168), em *Ensaio sobre a Música Brasileira*, refere-se a uma suposta “influência deletéria do urbanismo” e sugere que o investigador deve procurar discernir “o que é virtualmente autóctone, o que é tradicionalmente nacional, o que é essencialmente popular, enfim, do que é popularesco, feito a feição do popular, ou influenciado pelas modas internacionais”.

Moraes (2000) destaca o fato de que muitos dos trabalhos sobre a música popular adotaram como objetivo realizar comparações entre a música popular e a música folclórica, como também com a música erudita, deixando de se perceber a riqueza singular de suas representações. Em muitos desses trabalhos privilegiou-se somente os aspectos do que Adorno e Horkheimer (1947) chamaram de *Indústria Cultural*⁶.

Júlio Medaglia apud Campos (1974, p. 68) defende a ideia de que devemos distinguir duas

⁵ Essa data está colocada no trabalho apenas como uma referência de tempo. Moraes (2000) nos diz que aproximadamente no fim dos anos 70 começa-se a se formar uma bibliografia sobre o assunto, advinda de inúmeros estudos acadêmicos ainda sob a ótica da História tradicional. Moraes (2000) ressalta, entretanto, que nesse período surgiram muitos estudos de grande relevância que se constituíram como aporte para diversas pesquisas que os sucederam.

⁶ Essa data está colocada no trabalho apenas como uma referência de tempo. Moraes (2000) nos diz que aproximadamente no fim dos anos 70 começa-se a se formar uma bibliografia sobre o assunto, advinda de inúmeros estudos acadêmicos ainda sob a ótica da História tradicional. Moraes (2000) ressalta, entretanto, que nesse período surgiram muitos estudos de grande relevância que se constituíram como aporte para diversas pesquisas que os sucederam.

categorias dentro do que chamamos música popular: “o primeiro tem suas raízes na imaginação popular e é aproveitado e divulgado pelo rádio, pela TV, pelo filme e pela gravação; o outro é a espécie de música popular que é fruto da própria indústria de telecomunicação”. Moraes (2000) parece concordar com tais autores citando-os em alguns momentos do texto, fazendo sempre uma alusão à necessidade de releitura do que entendemos de música popular e dos estereótipos levantados com relação à música popular urbana, que, na maioria das vezes, é percebida como *regressão da audição*⁷.

Outra questão bastante relevante ao se trabalhar a música popular é o cuidado em se “evitar os costumeiros reducionismos mecânicos que constantemente tentam determinar as relações culturais como simples reflexos das estruturas históricas mais gerais” (MORAES, 2000, p. 212) e, portanto, desmistificar as dicotomias tão presentes na tradição sociológica de que o particular é sempre fruto do todo, de que o gosto musical é sempre um processo de regulação social. É necessário percebermos a música em irrupção, como formas simbólicas que compreendem partes significantes das estruturas sociais ao mesmo tempo em que são estruturantes. Da mesma forma, deve-se compreender a relação da música popular como fruto e processo das dinâmicas histórico-sociais, visto que a música é feita por sujeitos que compõem as manifestações históricas e sociais.

Se pensado o Forró Eletrônico, veremos que grande parte dos trabalhos sobre o mesmo ainda se pautam na Indústria Cultural, que se restringe ainda à mesma visão adotada por Adorno e Horkheimer na primeira metade do século XX. É necessário pensar a dinâmica da Indústria Cultural nas suas relações com o sujeito, uma vez que não se concebe mais entendê-lo apenas como elemento determinado pelas estruturas sociais, mesmo pela cultura, tendo em vista que ele é agente produtor e transformador dessas estruturas.

4. FORRÓ ELETRÔNICO, GOSTO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Enquanto os estudos disciplinares propõem uma análise de uma das dimensões e de determinado aspecto do objeto em análise, o método interdisciplinar propõe uma leitura de diversas dimensões que compreendem o mesmo processo. A metodologia propõe desvendar o objeto, acontecimentos e/ou fenômenos adotando as contribuições de diversas áreas científicas, de modo que possa preencher lacunas interpretativas de “processos pouco conhecidos e raramente levantados” pelo campo disciplinar (MORAES, 2010).

No caso do Forró Eletrônico, objeto de nossa reflexão, percebemos que diversos trabalhos têm

⁷ Termo utilizado por Adorno em *O fetichismo na música e a regressão da audição*. In: Theodor W. Adorno – Textos Escolhidos. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999. O seu valor semântico nos remete a uma degradação estético-poética, portanto, uma regressão para aqueles que a escutam.

sido desenvolvidos pela academia, entretanto, a maioria parte de uma interpretação determinista e disciplinar sobre o objeto, seja no campo discursivo, antropológico, sociológico ou mesmo musicológico. Partem de uma interpretação que se restringe a uma especialidade e se desvincula da compreensão de elementos que a disciplinaridade não pode explicar. Dentro desse contexto, o indivíduo foi concebido apenas como fruto das estruturas significantes. Regulado pela Indústria Cultural (principalmente na Sociologia e na Musicologia), pelos estereótipos de nordestinidade (no caso da Antropologia), pela formação discursiva (na Linguística, mais especificamente, na Análise do Discurso) etc.

Diante disso, propomos desenvolver uma análise com base nas contribuições da Sociologia Bourdieusiana, da Antropologia e da Análise do Discurso. Nessa perspectiva, a análise, pautada no método da Análise do Discurso, será realizada a partir do diálogo entre a Teoria da Naturalização do Gosto, de Pierre Bourdieu (2007), e a Teoria das Representações Sociais, de Goffman (2011, 2012).

A princípio, ressaltamos que a entrevista foi realizada com um grupo de seis (06) forrozeiros da cidade de Mossoró/RN. Os componentes da entrevista são um recorte de um grupo de pessoas que mantém relações de amizade e que se agrupam no *Mossoró Cidade Junina*⁸ e outras festividades da região a fim de dividir as despesas de combustível e hospedagem e consumo de bebida alcoólica. Propomos a análise das entrevistas levando em consideração quatro (04) aspectos: gênero, nível de instrução, preferências musicais e representações sociais.

A primeira categoria analítica que propomos é gênero. Sua importância nesse trabalho se dá pela necessidade de entender qual a opinião dos homens e mulheres sobre as letras do Forró Eletrônico, tendo em vista ser notória a persistência de formações discursivas⁹ machistas e a objetificação sexual da mulher. Já o nível de instrução nos remete à construção social, em parte ligada ao “capital cultural” (BOURDIEU, 2007).

Bourdieu (2007), em pesquisa realizada na década de 1970, sobre o gosto, o *habitus* e as preferências sociais, apresenta os resultados sobre a naturalização do gosto. Segundo ele, a apreciação estética está associada à capacidade de decodificação dos símbolos. Nesse sentido, a decodificação estaria associada ao consumo dos diversos tipos de produtos culturais, seja um código mais, ou menos elaborado. Conforme escreve, a compreensão de uma obra de arte pressupõe, portanto, as habilidades necessárias a sua decodificação. Essa decodificação está associada ao capital não só econômico, mas também ao capital cultural, familiar, escolar. Por *capital* cultural e escolar entenda-se o “capital estatutário de origem, ou seja, aprendizagens culturais, maneiras de comportar-se à mesa ou arte da

⁸ Festa tradicional da cidade de Mossoró realizada em Junho. Sua programação congrega diversos tipos de apresentações culturais (teatro, música, dança etc), destacando-se o Forró Eletrônico nas apresentações musicais.

⁹ Por formação discursiva entenda-se “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2012, p. 135-136).

conversaço, cultura musical ou senso das conveniências, prática do tnis ou pronúncia da língua e são fornecidas pela precocidade da aquisiço da cultura legítima (BOURDIEU, 2007, p. 70). Por esse motivo, propomos entender a relaçáo do indivíduo levando em consideraço não só o gênero, mas o nível de instruço escolar.

Com relaçáo ao gênero, selecionamos três (03) homens e três (03) mulheres, pois objetivamos realizar uma comparaço entre as formaço discursivas masculina e feminina sobre o Forró Eletrônico. Já com relaçáo ao nível de instruço, observamos que 04 entrevistados concluíram apenas o Ensino Médio, enquanto dois (02) concluíram o Ensino Superior.

Com relaçáo ao nível de instruço, constatamos, assim como em Vieira (2015) a predominância da terminalidade do Ensino Médio, em detrimento do Ensino Superior. Evidentemente, os nossos dados são limitados para se afirmar isso, entretanto se comparados com a pesquisa de Vieira (2015), veremos compatibilidade. Segundo ele, 65% da populaço de sua pesquisa possuíam Ensino Médio Completo, enquanto apenas 20% possuíam Ensino Superior. Isso nos remete à relaçáo entre capital escolar/cultural e apreciaço estética, sendo predominante nas classes menos privilegiadas economicamente e simbolicamente a apropriaço do gosto dito “mundano/bárbaro”, conforme escreve Bourdieu (2007). O gosto bárbaro refere-se àqueles que associam a arte à satisfaço de seus prazeres, de suas emoço. Neste caso, tudo aquilo que foge à sensaçáo de bem-estar ou que nos remete a algo grotesco como a guerra e a fome não teria espaço junto à estética popular. Como afirma Bourdieu (2007, p. 44), “nada é mais estranho à consciéncia a ideia de um prazer estético, que para retomar a afirmaço de Kant, seria independente do prazer das sensaçoes”.

Os dados apresentados são de grande relevância, pois suscitam o entendimento do homem como ser simbólico em que as *preferências musicais* estão associadas ao capital econômico e cultural. Por conseguinte, é interessante salientar a forma dinâmica como o gosto é construído, pois mesmo aqueles com capital cultural/escolar elevado se apropriam do Forró Eletrônico, estética ligada, *a priori*, à classe popular. Isso demonstra o quanto não podemos falar em determinismo social e musical, pois os processos de formaço do sujeito são bastante dinâmicos.

Ao analisar as materialidades textuais das outras duas categorias levamos em consideraço tanto o gênero (masculino e feminino) como o nível de instruço dos participantes. Para chegarmos ao nosso objetivo propomos a seguinte interrogaço aos participantes: *as músicas de Avioes do Forró falam muito de sexo, são tachadas de machista e, muitas vezes, se referem à mulher apenas com objeto sexual do homem. Na sua opinião, as letras dessas músicas influenciam o comportamento dos homens e das mulheres?* Após a transcriço das entrevistas, os dados foram analisados a partir do que já discutimos sobre gosto, formaço de subjetividades e relaçáo indivíduo/sociedade. Para tanto, propomos a análise das materialidades textuais a seguir:

Com certeza, mas lembre que no forró a mulher também trai, também se vinga, também maltrata o cara, do jeito que é na vida real. Tem muito aviãozeiro machista e tem muita aviãozeira que manda no namorado (risos) (PARTICIPANTE A – MASCULINO - NÍVEL MÉDIO).

Bem, tem umas letras do forró que são assim mesmo. Acho que influencia sim, tudo que a gente escuta influencia a gente, né!? (PARTICIPANTE B – MASCULINO - NÍVEL MÉDIO).

Com certeza, principalmente as pessoas com pouco conhecimento e baixo nível de escolaridade. A gente que tem nível superior encara tudo como uma forma de diversão, mas vejo os meninos novinhos todos com pinta de garanhão, ficando com muitas meninas, traindo, tratando as namoradas como objeto sexual, dando uma de play boy, do jeito das músicas né assim!? (PARTICIPANTE C – MASCULINO – NÍVEL SUPERIOR).

Tab. 01 - Influência do Forró Eletrônico (Gênero Masculino)

As materialidade textuais citadas apontam para duas interpretações bastante pertinentes. A primeira nos remete à aceitabilidade sobre o caráter grotesco do Forró Eletrônico. Os participantes A, B e C acreditam que as letras influenciam o comportamento das pessoas, trazendo à baila a relação entre Indústria Cultural e formação de subjetividades. Apesar de compartilharem a mesma opinião, eles divergem em alguns aspectos. Ao dizer que sim, o participante A nos faz lembrar um aspecto interessante das letras do Forró Eletrônico, a voz feminina. Ele fala que “no forró a mulher também trai, também se vinga, também maltrata o cara, do jeito que é na vida real. Tem muito aviãozeiro machista e tem muita aviãozeira que manda no namorado”. Sobre essa questão, lembramos que as relações de poder entre gênero não se dão de forma tão dominante, como escreve Foucault (1972), onde há poder, há resistência. As mulheres também tem vez e voz no forró, e respondem à altura, quando o homem vai dormir na “casa das primas”, ela vai dormir na “casa dos machos”, quando ele “trai”, ela “se vinga”, e sucessivamente. Não podemos homogeneizar a discussão sobre gênero e Forró Eletrônico, cada vez mais a mulher vem ganhando espaço como vocalistas das bandas, encontrando formas de resistência simbólica.

“Bem, tem umas letras do forró que são assim mesmo [...] Tudo que a gente escuta, influencia a gente, né!?”, responde o participante B à pergunta, deixando evidente que o indivíduo não é tão passivo diante do produto que consome, tendo conhecimento de como ele o influencia e de suas características. Já o participante C, nos traz um dado novo. Segundo ele, as letras do Forró Eletrônico influenciam o comportamento das pessoas, “principalmente as pessoas com pouco conhecimento e baixo nível de escolaridade. A gente que tem nível superior encara tudo como uma forma de diversão”. Esse enunciado aponta para um aspecto bastante interessante da vida social, que as experiências com os bens simbólicos são diferentes de indivíduo para indivíduo, estando relacionadas ao capital econômico e cultural, como já tratado por Bourdieu (2007).

Com relação ao gênero masculino, observamos a construção de uma formação discursiva que compreende a influência das letras do Forró Eletrônico no comportamento das pessoas. Eles são “conscientes”, em parte, do produto que consomem. Com relação ao participante com Nível Superior, observa-se a construção de um discurso mais voltado às redes de sociabilidade em torno do Forró Eletrônico do que às letras e apreciação das músicas. Segundo ele, quem “tem nível superior encara tudo como uma forma de diversão”. Sobre essa questão, Costa (2012, p. 274) escreve que “o Forró Eletrônico tem-se estruturado como ritmo musical estruturante de parte expressiva de sociabilidade da população”. A distribuição, massificação e padronização tem enchido “as programações de rádio, os carrinhos de vendedores ambulantes de CDs e DVDs piratas, os Hards Disks (HDs) dos computadores, os players de mp3 dos celulares, os potentes paredões de som dos automóveis, os encontros familiares de fins de semana e as barraquinhas de água ardente espalhadas pelas cidades” (COSTA, 2012, p. 274).

Tendo em vista os dados analisados, perguntamo-nos: até que ponto o indivíduo é influenciado pela Indústria Cultural? Até que ponto ele também a constitui? Para responder essas questões trazemos à tona a Teoria da Recepção. Sobre ela, Martin-Barbero (1995) escreve que o sujeito não é tão passivo como foi concebido no decorrer da história. Segundo ele, o indivíduo é capaz de perceber as intenções por trás da publicidade e propaganda. É necessário, portanto, entendermos que não podemos conceber um receptor sem o processo de produção de sentidos. Como escreve Bourdieu (1990), a vida social deve ser entendida a partir de estruturas que, por sua vez, são estruturadas e estruturantes. O homem é o autor que conduz a construção de sentidos nas teias sociais. Esse sujeito, ao mesmo tempo em que sofre as influências dos mecanismos midiáticos, também resiste e significa aquilo que consome, podendo perceber nas tramas dessa relação as intenções de mercado, as ideologias da cultura hegemônica etc.

Dando continuidade ao trabalho propomos a análise das seguintes materialidades:

Olha, eu vou falar de mim que sou mulber, dos homi eu não posso falar. Acho que influencia não, tem nada a ver. Eu por exemplo, vou pra festa danço pra morrer, adoro as músicas de sacanagem (risos), mas eu não sou nada daquilo. Gosto é de me divertir, de me sentir desejada. Agora se tô com um namorado, aí a coisa muda. Danço só com ele e não me sinto rapariga por isso (PARTICIPANTE D – FEMININO - NÍVEL MÉDIO).

Nada a ver, a gente tá ali pra se divertir. Se fosse assim não teria mulher casada que gosta de forró (pausa). Conheço muitas mulheres casadas que adoram Xandy e Solanja, mas são pessoas muito direitas (PARTICIPANTE E – FEMININO - NÍVEL MÉDIO).

Depende (pausa) tem pessoas que se influenciam muito, tem outras que não. Eu não gosto muito das músicas imorais, gosto mais das românticas. Mas pra dançar mesmo é bom aquelas bem safadas (risos), todo mundo gosta. Mas tem aquela pra dançar juntinho com seu namorado, é muito bom (PARTICIPANTE F – FEMININO – NÍVEL SUPERIOR).

Tab. 02 - Influência do Forró Eletrônico (Gênero Feminino)

Em contrapartida, o posicionamento das mulheres sobre a questão se difere, em parte, do posicionamento masculino. Apesar de as letras do forró eletrônico denotarem bastante machismo e objetificação sexual feminina, as participantes se posicionaram de forma bastante passiva. As participantes D e E (com Ensino Médio Completo) compartilham da ideia de que o Forró Eletrônico não influencia o comportamento dos ouvintes. Entretanto, o que nos chama atenção na fala das participantes é o que Goffman (2011) denominará de *Representação Social*.

Para Goffman (2011/2012) toda e qualquer forma de interação desempenhada pelos indivíduos, nos diversos contextos em que faz parte, pode ser entendida como representação social. Tais representações, entretanto, não são descontínuas ou isoladas, configurando-se como uma “linha” comportamental, um padrão representativo assimilado pelos diversos contextos de interação. Quando a participante A fala que vai para a festa dançar “pra morrer”, adora “as músicas de sacanagem”, mas que não é “nada daquilo”, referindo-se às letras das músicas, ela traz à tona um tipo de representação simbólica ligada às redes de sociabilidade em torno do Forró Eletrônico, em que as danças, a sensualidade e o ritmo nos remete à objetificação da mulher, entretanto não podemos entender esse fenômeno como prova de que o Forró Elétrico influencia o comportamento das pessoas além das rodas de interação. É evidente que o Forró Eletrônico e quaisquer outras produções simbólicas (massificadas ou não) interferem nos processos de subjetivação, porém não é coerente falar de “generificações”¹⁰. É interessante perceber que a performance em torno do Forró Eletrônico também é uma questão de representação social, e isso é evidente na fala da participante supracitada que assume um papel quando solteira, mas quando está com um parceiro a situação é diferente. Tal performance sexualizada dá espaço a um outro personagem, conforme se observa na fala “gosto é de me divertir, de me sentir desejada. Agora se tô com um namorado, aí a coisa muda. Danço só com ele e não me sinto rapariga por isso” (PARTICIPANTE D).

A participante E também traz essa questão à baila. Segundo ela, se o Forró Eletrônico influenciasse o comportamento das mulheres “não teria mulher casada que gosta de forró (pausa). Conheço muitas mulheres casadas que adoram Xandy e Solange, mas são pessoas muito direitas”. Esse enunciado reforça o entendimento de que as apresentações do Forró Eletrônico perpassam formas de representação social, de mimese, de entretenimento, que não correspondem necessariamente à visão de mundo dos seus participantes, embora seja notório que toda e qualquer forma de organização social e manifestação cultural interfere no processo de constituição do sujeito.

A participante F, por sua vez, com Ensino Superior, aborda essa questão de forma bastante parcial. Segundo ela, em alguns casos as letras influenciam muito, enquanto em outros não: “tem

¹⁰ Termo usado por Cunha (2010) para se referir à regulação de subjetividades.

peças que se influenciam muito, tem outras que não. Eu não gosto muito das músicas imorais, gosto mais das românticas. Mas pra dançar mesmo é bom aquelas bem safadas (risos), todo mundo gosta. Mas tem aquela pra dançar juntinho com seu namorado, é muito bom” (PARTICIPANTE F). Como é possível perceber, a materialidade citada nos remete à certa consciência do indivíduo com relação ao teor grotesco do Forró Eletrônico e do poder de participação do mesmo no processo de formação de subjetividades. É interessante lembrar que o participante masculino com Ensino Superior também comunga com essa opinião. Segundo ele, as letras do Forró Eletrônico influenciam “principalmente as pessoas com pouco conhecimento e baixo nível de escolaridade”. Isso se deve, talvez, ao fato de que tais pessoas não possuem arcabouço e competências decodificativas para se posicionarem com relação às letras, embora seja possível perceber em seu discurso certa consciência com relação à sexualização, erotização, machismo e objetificação sexual da figura feminina nas letras do Forró Eletrônico.

Sobre a representação social e Forró Eletrônico, ressaltamos dois aspectos. Primeiramente, que a representação contínua e regular dos indivíduos se dá pela caracterização de si, na tentativa de influenciar/convencer o outro do papel representado (GOFFMAN, 2011). Essa representação, às vezes é intencional, e em outras circunstâncias é inconsciente. Isso nos leva a entender que quando o indivíduo está muito envolvido nas representações que realiza acaba acreditando nela completamente, o que aproxima as representações sociais do inconsciente (GOFFMAN, 2011). O segundo aspecto é a capacidade que o indivíduo pode desenvolver sobre si mesmo, sobre os diversos papéis sociais que ele assume (GOFFMAN, 2011).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas últimas décadas, o estudo sobre o Forró Eletrônico tem se acentuado. É certo que se tem produzido bastante sobre o assunto, e numa perspectiva disciplinar tem-se levantado teses diversas, estereótipos de nordestinidade, análise estética, o determinismo da Indústria Cultural, a evolução do próprio gênero musical. Percebemos que no decorrer da produção de um conhecimento sobre o forró tem-se deixado em segundo plano um questionamento bastante relevante, a participação do indivíduo na formação de subjetividades que se dá através das relações com o outro, com o social e, neste caso, com o Forró Eletrônico.

Segundo Moraes (2010), os estudos sobre a música popular urbana devem levar em consideração três aspectos: a linguagem da canção (Linguística Textual, Comunicação, Antropologia da Linguagem etc.); as perspectivas sociais e históricas que ela revela e ao mesmo tempo constrói (Sociologia, Antropologia, Filosofia, História etc.) e, finalmente, a visão do mundo que a linguagem da canção

“incorpora e traduz”. Esse último aspecto nos revela um fato importante a ser considerado, que é necessário pensar a música, no nosso caso o Forró Eletrônico, como forma de mediação cultural que se constitui a partir da incorporação e tradução da vida social, por conseguinte, a partir da intervenção do sujeito.

Tendo em vista o caráter interdisciplinar da música, ressaltamos a necessidade do pesquisador transcender as barreiras específicas de sua área de conhecimento. Para uma compreensão profunda e satisfatória da relação indivíduo e Forró Eletrônico é necessária apreensão de conhecimentos diversos que adentram a musicologia, linguística, antropologia, sociologia, psicologia etc., de modo que possa ter uma visão mais aprofundada dessa relação e, por conseguinte, dos processos de subjetivação.

Os dados analisados apontam para um entendimento descontínuo sobre a relação entre indivíduo e Forró Eletrônico, sobre o suposto determinismo científico que tem preponderado nos trabalhos acadêmicos sobre o sujeito ouvinte/consumidor desse forró. Os resultados trazem à baila a constituição do sujeito como um processo multifacetado em que o indivíduo não se porta somente de forma passiva diante do produto consumido, demonstrando um certo nível de consciência sobre o caráter grotesco do Forró Eletrônico e sobre a influência dele no comportamento das pessoas. Com relação ao gênero, pode-se perceber que as mulheres entrevistadas compreendem o Forró Eletrônico como performance cultural, como forma de representação social, assumindo comportamento diferente nas apresentações do Forró Eletrônico, ora deixando sensualizar-se pelas letras do forró, através da letra, da dança e do ritmo, ora se apropriando de um outro papel, a de namorada, esposa, companheira que se comporta de forma romântica com seu parceiro, distanciando-se do papel “vulgar” outrora desempenhado.

Com relação às representações sociais, os resultados apontam para dois caminhos. O primeiro nos remete à apropriação das letras do Forró Eletrônico pelo indivíduo, que o leva a acreditar no papel que desempenha através delas, sendo notório, nesse caso, a grande influência do forró na constituição do sujeito. O segundo, por sua vez, traz à tona a capacidade de reflexão do indivíduo sobre o produto que consome e sobre os papéis sociais que ele exerce a partir delas, sendo notório que quanto maior o capital cultural/escolar do indivíduo, maior a capacidade de reflexão sobre o Forró Eletrônico e sobre os papéis sociais que ele (o indivíduo) exerce. Outra questão que também nos remete ao capital cultural/escolar é o fato de que os entrevistados com Ensino Superior atrelam o Forró Elétrico às redes de sociabilidade que se constroem em torno dele, o que denota a importância de entendermos tais práticas musicais não só do ponto de vista estético, mas do ponto de vista antropológico, tendo em vista que são múltiplas as teias de significados construídas a partir desse Forró Eletrônico.

6. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural o iluminismo como mistificação das massas*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: Teoria da Cultura de massa. Luiz Costa Lima (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, Theodor W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. In: Theodor W. Adorno – Textos Escolhidos. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.
- ANDRADE, Mário de. *O Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins Editora, 1962.
- BASTOS, Rogério Lustosa. *Ciências Humanas e Complexidades. Projetos, métodos e técnicas de pesquisa*. 2 ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.
- CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. 2 ed, São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CAMPOS, Lúcia P. de F. *Tudo isso junto de uma vez só: o choro, o forró e as bandas de pífano na música de Hermeto Pascoal*. 2006. 143 f. Dissertação (Mestrado em Música) – FM, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CEVA, Roberta L. de A. *Na batida da zabumba: uma análise antropológica do forró universitário*. 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), MNAC – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- CORDEIRO, Raimundo N. *Forró em Fortaleza na década de 1990: algumas modificações ocorridas*. 2002. 122 f. Dissertação (Mestrado em Música – EM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- COSTA, Jean Henrique. *Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte*. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. *Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?* 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) – FE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 23ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro Silva. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBSBAWN, E. J. *História Social do Jazze*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1990.
- MADEIRA, Márcio M. A. *Forró-Glocal: a transculturação e desterritorialização de um gênero músico-*

dançante. 2002. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música) – EM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

MORAES, José Geraldo Vince de. *História e Música: canção popular e conhecimento histórico*. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 20, n° 39, p. 203-221. 2000.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

OLIVEIRA LIMA, Maria E. de. *Somzoom Sat: do local ao global*. 2005. 296 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – FCM, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2005.

RIGAMONTE, Rosani C. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. 1997. 162 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

RODRIGUES, Cláudia Caminha Lopes. “*Se quiser, é assim*”: uma análise léxico-gramatical da representação feminina em letras de forró eletrônico. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SANTOS, Nara L. F. dos. *Mulher, sim senhor: um estudo sobre a representação feminina no forró*. 2001. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SILVA, Expedito L. *Forró no asfalto: o mercado da música nordestina em São Paulo, sua referência e expressão de identidade sociocultural*. 2000. 191 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – FCL, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2000.

SOUZA, Rose R. de. *A volta pelas ondas: o rádio e o migrante nordestino em São Paulo*. 2001. 373 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – ICSC, Universidade Paulista, São Paulo, SP, Brasil, 2001.

THOMPSON, Kenneth A. Estudos Culturais e educação no mundo contemporâneo. In: SILVEIRA, Rosa M. Hessel (Org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

TROTTA, Felipe. O forró eletrônico no nordeste: um estudo de caso, *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 102-116, janeiro/junho 2009. Disponível em: < http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trotta-forro_eletronico_nordeste.pdf>. Acesso em 10 fev. 2016.

VIEIRA, Demóstenes Dantas. *A Relação Fã/Ídolo, o Forró Eletrônico e a Distinção Social: Discurso, Emoção e Identidade*. 2015. 122f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN 2015.